

Nuvens negras

É tempo de o presidente da República compenetrar-se de que as reservas cambiais acumuladas depois do "Plano Bresser" não dão ao Executivo o direito e o poder de expor o Estado brasileiro à humilhação internacional. Com efeito, apoiado no fato de terem essas reservas aumentado, o presidente diz aos principais encarregados da renegociação da dívida externa que a época da protelação acabou e que só não se chegará a um acordo se os banqueiros não quiserem. Ora, o País não pode ser governado por alguém que, além de viver no mundo da fantasia, tem da realidade visão distorcida, ajustada aos desejos com que procura acalmar suas justas inquietações. No instante em que de todas as partes se emitem sinais de hostilidade, o presidente José Sarney não deve ignorar esses indícios pressagios e, mais importante ainda, não pode pretender que todos concordem com sua idéia fixa de que os culpados são os outros.

Fato raro nas relações entre o Brasil e os Estados Unidos (que mantêm embaixadores em Washington e Brasília), o secretário do Tesouro norte-americano solicitou ao ministro da Fazenda brasileiro que, por favor, passe por Washington a fim de discutir alguns pontos que impedem o bom entendimento entre a comunidade financeira norte-americana e o governo do Brasil. O convite é por demais sintomático para ser visto como gesto de cortês deferência do sr. James Baker para com o administrador da 8ª economia do mundo ocidental; é tão inusitado que só pode ser interpretado como mediação não solicitada, que será exercitada a fim de impedir uma deterioração de extrema gravidade nas relações entre os bancos credores norte-americanos e o Brasil: crise essa que afetará, queiramos ou não, as relações diplomáticas e comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos.

Na verdade, o que deseja a minoria radical a que se referia o ministro Leônidas Feres Gonçalves — a qual, diga-se de passagem, não atua apenas na Assembléia Nacional Constituinte, mas se senta ao lado do ministro do Exército nas reuniões ministeriais — é que se abra essa crise Brasil-Estados Unidos. Para que isso aconteça, nada mais fácil do que a prática de responsabilizar os outros pelos nossos erros, e dâ-los como intransigentes quando se recusam a aceitar soluções para o problema da divi-

da externa, as quais omitem dado muito simples, qual seja o de que os bancos credores devem pagar juros pelo dinheiro que tomaram emprestado e repassaram ao Brasil.

O nacionalismo triunfalista do presidente Sarney não se coaduna com a gravidade da situação, expressa claramente na amabilidade do convite do sr. James Baker ao sr. Bresser Pereira. Aliás, o presidente da República — que gosta de dizer que a culpa será dos banqueiros se o Brasil for para o fundo do poço — deveria ter presente que a sorte do governo brasileiro é estar negociando com os detestados imperialistas norte-americanos; de fato, se a crise fosse com o governo do suave camarada Gorbatchev, possivelmente o embaixador brasileiro em Moscou teria sido chamado à chancelaria e recebido nota malcriada, dando um ultimato de fato. O nacionalismo triunfalista de que dá mostras o chefe do governo não se coaduna com a gravidade da situação por dois motivos: um, é o fato de o Brasil ser credor de países do Terceiro Mundo — e credor duro, antipático, incapaz de compreender as dificuldades por que passam os governos amigos, que não querem comprometer o desenvolvimento social de seus povos para atender às exigências do Tesouro de um país (que alguns consideram imperialista) rico o suficiente para ser a 8ª economia do mundo livre. Outro motivo é que a posição estratégica do Brasil é fraca, apesar das suas reservas cambiais e malgrado a ameaça de prejuízos que pesa sobre os bancos credores se o Brasil for desclassificado em outubro próximo. O presidente Sarney deve saber que se o secretário Baker pede para avistar-se com o ministro Bresser, após sua ida a um seminário de estudos realizado na aprazível Viena de Strauss, é porque o Tesouro norte-americano está preparado para, juntamente com os bancos, correr os riscos da inadimplência brasileira, seja a que preço for, menos um, que é o abalo no sistema financeiro norte-americano já prejudicado, e seriamente, pelas dívidas dos agricultores dos Estados Unidos e outros problemas internos — mas provocados por pessoas que sabem honrar a palavra empenhada.

Para um homem que, como o presidente Sarney, se preocupa com o juízo que a imprensa faz de seu governo, o editorial de

The Economist que reproduzimos ontem deve ter causado preocupação. Considerando que essa renomada revista fez a propaganda do Brasil como região ideal para investimentos — durante o Plano Cruzado, note-se —, a mudança de tom é significativa. Significativa para o presidente, mas humilhante para o ministro Bresser Pereira e para os brasileiros que sabem ler o que se escreve nas linhas e nas entrelinhas. A revista londrina diz, pura e simplesmente, que a palavra do sr. Bresser Pereira aos banqueiros credores — no sentido de que irá ao FMI depois de fazer o acordo com eles, nos termos que o governo brasileiro quer — vale tanto quanto o compromisso do Estado brasileiro de pagar juros. Isto é, nada! O ministro pode sorrir, como de hábito, e debitar o insulto à conta dos banqueiros que estão irritados com o não pagamento dos juros. É um direito de s. exa. ser nacionalista e ter do mundo a visão que o grupo da *poire* tem na calada da noite. Em compensação, os brasileiros também têm o direito de sentir-se humilhados ao registrar a que nível chegou a credibilidade do governo eleito com tantas esperanças: mau pagador, sem palavra e incompetente. Asfiantemente incompetente. O que, aliás, é a verdade, tamanho o descabimento que lavra na administração e, o que é pior, tamanho o desdém que o presidente, os negociadores e o grupo da *poire* nutrem pelos banqueiros internacionais, a quem — supõem sorridentes — enganaram até agora. Se o fizeram, pensam, por que não podem continuar tendo o mesmo comportamento?

Caberia, antes de concluir, lembrar a esses incompetentes que estão arrastando o Brasil a um confronto com os Estados Unidos — Administração e Congresso, além do sistema financeiro — a indagação do sábio oriental: "Quando aquele que é enganado sabe que é enganado, quem é o enganado?" A guisa de conclusão, diga-se ao presidente Sarney que s. exa. deve atentar para dois fatos: primeiro, o editorial de *The Economist* reflete o mal-estar reinante em todas as praças financeiras do mundo; segundo, o "convite" de Baker a Bresser Pereira traduz uma decisão política da Casa Branca diante da incompetência e da pesporrência das autoridades brasileiras. Se s. exa. não conseguir equacionar o problema que esses dois dados põem sob seus olhos, dias sombrios nos esperam.